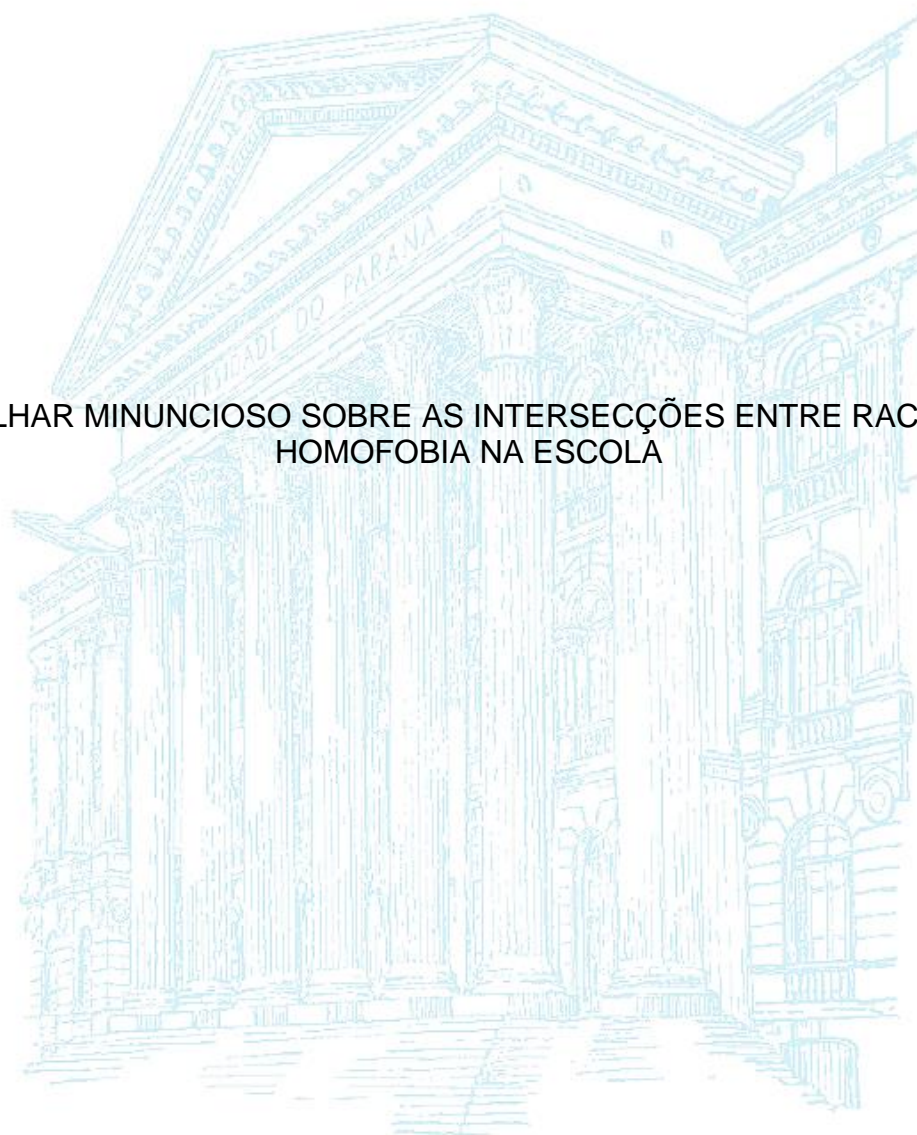


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIA NAZARETH MOREIRA VASCONCELOS DE ALMEIDA

UM OLHAR MINUCIOSO SOBRE AS INTERSECÇÕES ENTRE RACISMO E
HOMOFOBIA NA ESCOLA



SÃO PAULO
2016

MARIA NAZARETH MOREIRA VASCONCELOS DE ALMEIDA

UM OLHAR MINUNCIOSO SOBRE AS INTERSECÇÕES ENTRE RACISMO E
HOMOFOBIA NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Dr. Clynton Lourenço
Correa

SÃO PAULO
2016

UM OLHAR MINUCIOSO SOBRE AS INTERSECÇÕES ENTRE RACISMO E HOMOFOBIA NA ESCOLA

Maria Nazareth Moreira Vasconcelos de Almeida¹; Clynton Lourenço Correa²

¹Pedagoga, pós-graduanda em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal do Paraná. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I e Coordenadora Pedagógica na Prefeitura do Município de São Paulo; E-mail: deievasconcelos@gmail.com

²Fisioterapeuta, especialista em Fisioterapia Neurofuncional, Mestre e Doutor em Ciências Morfológicas, Pós-doutorado em Neurobiologia pela Universidade Santiago de Compostela, Espanha. Professor do curso de Fisioterapia e Mestrado em Educação Física na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: clyntoncorrea@gmail.com

Resumo: Este trabalho buscou compreender os mecanismos de segregação das pessoas negras no ambiente escolar, em especial daquelas que já se autodeclararam homossexuais. Para tanto, foram entrevistados trinta e oito professores de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, da Rede Municipal de São Paulo. A entrevista foi estruturada e continha perguntas que buscaram identificar padrões de comportamento que pudessem revelar racismo e/ou homofobia nas práticas pedagógicas, de modo a instrumentalizar o combate ao racismo, o sexismo, a homofobia e o preconceito na escola e, por consequência, na sociedade e contribuir para dirimir desigualdades e auxiliar as pessoas a refletirem sobre suas posturas, em especial, professores e professoras, para que possam repensar suas práticas pedagógicas, rumo à valorização da diversidade.

Palavras-chave: Interseccionalidade; racismo institucional; homofobia; educação; diversidade na escola

Abstract: This study sought to understand the mechanisms of segregation of black people in the school, especially those who have declared themselves homosexual. To this end, I interviewed thirty-eight teachers from a Municipal Elementary School, in the city of São Paulo. The interview was structured and contained questions that sought to identify patterns of behavior that might reveal racism and / or homophobia in pedagogical practices, in order to equip the fight against racism, sexism, homophobia and prejudice in school and, consequently, in society and contribute to resolving inequalities and help people reflect on their positions, in particular teachers, so that they can rethink their teaching practices, towards valuing diversity.

INQUIETAÇÕES: PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR

É consenso afirmar que a sociedade apresenta, de maneira geral, dificuldades na aceitação e convivência com a diversidade. Não raro temos notícias de violência e, às vezes, até mesmo da morte de pessoas negras, LGBT, praticantes de religiões de

matriz africana, enfim pessoas que não se enquadram num determinado padrão imposto como o da “normalidade” (a saber: branco, cristão, cisgênero e heterossexual). Apesar da militância de diversos grupos, discursos de ódio direcionados a estas pessoas fora da dita “normalidade” são reproduzidos e incitados, nas redes sociais, nas rodas de conversa e, por mais terrível que isto possa parecer, também dentro das escolas.

Atuo no magistério há mais de dez anos e arrisco dizer que é grande a responsabilidade da escola na perpetuação de preconceitos, seja por reproduzir alguns discursos, seja por não realizar (ou realizar de forma superficial) intervenções em situações de violência (física e/ou simbólica) vivenciadas por aqueles alunos e alunas que estão fora dos padrões de “normalidade” supracitados.

Devido a minha trajetória de vida, aos espaços de militância pelos quais transito e aos referenciais teóricos aos quais tive acesso (como Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, Maria Aparecida Silva Bento e bell hooks, que problematizam o racismo em suas diversas vertentes), tenho pensado com bastante frequência, nestes últimos tempos, a respeito da afetividade das pessoas negras, inclusive no que diz respeito à sexualidade. Isso porque tenho constatado que as situações de preconceito e violência contra pessoas negras LGBT são ainda mais intensas, com falas recorrentes como “Coitado desse/dessa aí, além de preto é gay”. Falas como esta ratificam que “a propagação dos estereótipos negativos em relação ao negro está presente na História, arraigados na cultura brasileira e se disseminam de várias formas” (BARBOSA, 2004, P.04). A partir disso, passei a questionar: em que medida a escola contribui para a solidão das pessoas negras LGBT, para a “coisificação” dos corpos de negros e negras e, conseqüentemente, para perpetuação do racismo e da homofobia? Este questionamento se tornou o cerne das minhas inquietações e, sendo assim, a problemática para a qual se voltou a minha pesquisa. Acredito ser importante pensarmos sob uma perspectiva interseccional, uma vez que existem “intolerâncias correlatas”, ou seja, os modos pelos quais o racismo se intersecta com a pobreza, a discriminação de gênero e a homofobia” (BLACKWELL e NABER, 2002, p.181).

Nesta perspectiva, acredito que uma pesquisa que busque compreender os mecanismos de segregação das pessoas negras no ambiente escolar, em especial daquelas que já se autodeclararam homossexuais, se faz necessária e é de fundamental importância para combatermos o racismo, o sexismo, a homofobia e o preconceito na sociedade, uma vez que “talvez a escola por se diferenciar do ambiente familiar, e círculo de amigos, seja um dos primeiros espaços na infância e adolescência de experiências de rejeição do corpo negro” (PAUST, 2011, p.01).

A despeito da relevância desta temática, é basicamente nulo o número de pesquisas que tratam da influência da escola na socialização de pessoas negras LGBT, o que me motivou ainda mais a desenvolver o presente estudo, na intenção de que seja uma ferramenta valiosa, que possa contribuir para dirimir desigualdades e auxiliar as pessoas a refletirem sobre suas posturas, em especial, professores e professoras, para que possam repensar suas práticas pedagógicas, rumo à valorização da diversidade na sociedade como um todo, inclusive (e principalmente) no ambiente escolar.

DEFININDO UM CAMINHO A SER PERCORRIDO

O objetivo geral da pesquisa a que me propus consistia em identificar as formas como racismo e homofobia se intersectam e ocorrem nas instituições escolares e seus desdobramentos na constituição das identidades das pessoas negras e nas formas destas pessoas se relacionarem afetiva e sexualmente. Já os objetivos específicos consistiam em identificar fatores que contribuem potencialmente para a desigualdade de direitos e oportunidades às pessoas negras LGBT dentro da instituição escolar, verificar se há preconceitos permeando a prática pedagógica de professores e professoras e pensar em possibilidades formativas e metodológicas que favoreçam a valorização da diversidade dentro da escola.

TRAÇANDO A MELHOR FORMA DE PERCORRER O CAMINHO

Para verificar em que medida a escola tem influência na socialização das pessoas negras LGBT, foi utilizado o método qualitativo, uma vez que a intenção, a priori, não era tratar os dados coletados utilizando técnicas estatísticas, mas sim a interpretação dos relatos de professores e professoras a respeito de suas práticas em sala de aula, além da revisão de literatura.

Dada a especificidade da temática a ser pesquisada no presente estudo, não havia método melhor do que o qualitativo, uma vez que foi de suma importância considerar a subjetividade e as impressões de cada indivíduo envolvido neste processo. Além disso, “a investigação qualitativa é a que melhor se coaduna ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos” (MINAYO apud DALFOVO, LANA e SILVEIRA, 2008, p.11), como é o caso da relação entre a escola e este grupo específico de pessoas que aceitaram responder às questões da entrevista e às quais esta pesquisa dirá respeito.

Convém ressaltar ainda que a escolha do método qualitativo permitiu alguma flexibilidade (DALFOVO, LANA e SILVEIRA, 2008, p. 10), flexibilidade esta que se fez necessária, uma vez que, dada a complexidade dos sujeitos protagonistas desta pesquisa e do contexto em que estão inseridos, não seria possível definir exatamente os desdobramentos que poderiam surgir e os percursos a serem percorridos, que dependiam não só da revisão de literatura, mas também dos relatos das pessoas entrevistadas.

As pessoas entrevistadas foram trinta e oito professoras e professores de uma escola da rede municipal de São Paulo, as quais foram questionadas se gostariam de participar de uma pesquisa a respeito de preconceito, discriminação e intersecções entre racismo e homofobia dentro da escola. Inicialmente eram quarenta e duas, porém quatro decidiram não participar após lerem as questões da entrevista. As entrevistas foram estruturadas, para garantir que todas as pessoas respondessem às mesmas perguntas, de modo a tentar identificar se haveria padrões de condutas por parte de professores e professoras e semelhanças nas histórias de vida das pessoas LGBT.

UM OLHAR MINUCIOSO SOBRE AS INTERSECÇÕES ENTRE RACISMO E HOMOFOBIA NA ESCOLA

Atuo como Coordenadora Pedagógica numa Escola Municipal de Ensino Fundamental na periferia de São Paulo e expliquei para os professores e professoras o objetivo de minha pesquisa, para que se voluntariassem a responder a entrevista que estava propondo. Para minha surpresa, a maioria escolheu participar, o que me deixou bastante satisfeita, pois quanto mais docentes respondessem às questões, mais condições eu teria de sanar pelo menos algumas de minhas inquietações e pensar em possibilidades de atuar em prol da valorização da diversidade dentro da escola. Ao todo trinta e oito professores participaram da pesquisa. O questionário contava com vinte e uma questões, a saber:

- 1) Você percebe a sexualidade de seus alunos e alunas crianças e/ou adolescentes aflorando? Em caso afirmativo, de que forma percebe este afloramento?
- 2) Você acredita que na infância ou na adolescência ainda é cedo para que uma pessoa tenha sua orientação sexual definida? Por que?
- 3) Em sua opinião, a sexualidade é definida por opção? Por que?
- 4) Você acha que ser heterossexual é a forma correta de se relacionar sexualmente? Por que?
- 5) Algumas pessoas afirmam que virou moda: hoje muitas meninas adolescentes são lésbicas por opção e muitos meninos adolescentes são gays por opção, pois fazem isso com o objetivo de chocar ou bater de frente com as pessoas. Você concorda com esta afirmação? Por que?
- 6) Você concorda com a afirmativa que diz: “Para um menino ou homem ser gay, não é necessário ser afeminado”? Por que?
- 7) Você concorda com a afirmativa que diz: “Para uma menina ou mulher ser lésbica, não precisa ser masculinizada”? Por que?
- 8) Quando acontece de um menino apresentar trejeitos afeminados numa sala em que você dá aula, te incomoda? Por que?
- 9) Quando acontece de uma menina apresentar trejeitos masculinizados numa sala em que você dá aula, te incomoda? Por que?
- 10) O que você entende por homofobia?
- 11) Você se considera uma pessoa homofóbica? Por que?
- 12) Você percebe alunos ou alunas sofrendo algum tipo de agressão, física ou psicológica por conta da orientação sexual? Em caso afirmativo, você realiza algum tipo de intervenção? Qual?
- 13) O que você entende por racismo?
- 14) Você se considera uma pessoa racista? Por que?
- 15) Você percebe atitudes de racismo dentro da sala de aula ou da escola como um todo entre os alunos? E entre professores e alunos? Em caso afirmativo, você realiza algum tipo de intervenção? Qual?
- 16) Quando um aluno negro ou aluna negra tem sua orientação sexual definida como homossexual ou lésbica, você percebe atitudes preconceituosas por parte dos demais colegas? Em caso afirmativo, você acredita que, neste caso o preconceito é diferente daquele exercido em relação à pessoas homossexuais brancas?

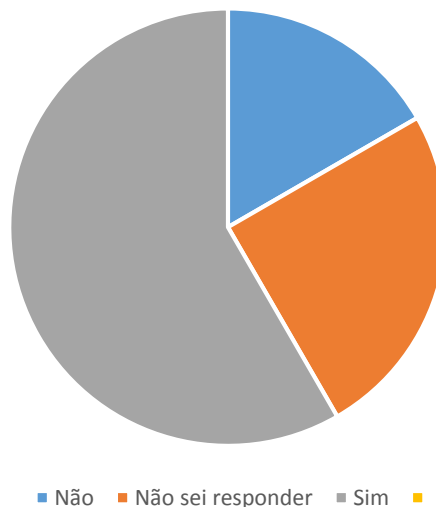
- 17) Em sua opinião meninos/homens negros deveriam “optar” pela heterossexualidade, pois já sofrem racismo e seria demais para eles sofrer homofobia também?
- 18) Em sua opinião meninas negras deveriam “optar” pela heterossexualidade, pois já sofrem racismo e seria demais para elas sofrer lesbofobia também?
- 19) O que você sabe a respeito da transexualidade? Dê sua opinião sobre.
- 20) Você se sentiria incomodado ou incomodada em dar aulas para uma aluna transexual negra? (Um menino que se identifica com o gênero feminino e por isso se veste de mulher, por exemplo) Por que?
- 21) Você acredita que na escola, ou na sociedade em geral, as pessoas negras homossexuais, lésbicas ou transexuais adotam uma postura agressiva? Por que?

Ao ler as respostas, pude ratificar o que afirmam Valter Roberto Silvério e Karina Almeida de Sousa, quando dizem que

“as próprias escolas, enquanto instituições sociais, teriam dificuldades de manter um compromisso formal com a igualdade de oportunidades tanto pelo fato de seus operadores (gestores e professores) dispensarem um tratamento discriminatório, por exemplo, a meninos e meninas e a negros e brancos, como pelas exigências formais e informais praticadas pelos diferentes níveis de governo, diretores e pais”.(2010, p. 101)

Dos trinta e oito professores entrevistados, trinta e dois acreditam que ainda é cedo para que uma criança ou adolescente tenha sua orientação sexual definida e destes trinta e dois, vinte e um afirmam que é necessário que haja a intervenção de um adulto quando esta orientação se mostre contrária ao que é estipulado como norma (neste caso, a heterossexualidade).

Pergunta: Em sua opinião, a sexualidade é definida por opção?



Isso fica ainda mais evidente quando estes mesmos trinta e dois professores supracitados afirmam que meninos e meninas adolescentes que se autodeclaram gays ou lésbicas, o fazem porque está na moda e não por esta ser, de fato, sua orientação sexual. Ainda seguindo a mesma linha de raciocínio, estas pessoas responderam que não há necessidade de um homem gay ser afeminado ou de uma mulher lésbica ser afeminada. Nas palavras de uma das professoras “além de ser gay ser afeminado e além de ser lésbica ser masculinizada é o cúmulo da perversão e da falta de temor à Deus”. Mediante estas respostas, fica evidente, conforme afirma Guacira Lopes Louro (2004), o quão binária e heteronormativa é a forma com que a sociedade lida com a sexualidade, forma esta que acaba se estendendo para a escola, que tem trabalhado em prol da perpetuação de discursos normatizadores e “normalizadores”, estando, conseqüentemente, a serviço da exclusão e da disseminação de visões preconceituosas e estereotipadas.

Todos os professores entrevistados afirmam que as situações de racismo são recorrentes em sala de aula e que a forma que encontram de intervir é pedindo para que o agressor pare, pois normalmente não há tempo de parar a aula para falar somente do fato ocorrido.

Dos trinta e oito professores entrevistados, vinte e seis acreditam que pessoas negras, por já sofrerem racismo, deveriam ser heterossexuais, para que não passassem por mais de situações de preconceito do que a que a cor da pele os fazem sofrer.

POR UMA PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

Esta pesquisa pôde revelar o quanto o fazer pedagógico cotidiano dos professores e professoras é permeado por falas e atitudes preconceituosas, contribuindo muitas vezes para que estas falas e atitudes continuem a ser reproduzidas pelos alunos e alunas que transitam por tantos anos no espaço escolar, o que acaba por estigmatizar as pessoas que não correspondem ao que é instituído como o padrão da normalidade. Isto evidencia o quanto ainda há que se investir em formação de professores, tanto de base quanto continuada de modo a instrumentalizar os professores para que contribuam para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária, afinal:

“A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é educação como prática da liberdade”.
(HOOKS, 2013, p. 273)

Somente pensando no exercício da pedagogia como prática da liberdade, proposto por Bell Hooks, é possível termos a esperança de que teremos um futuro onde as pessoas respeitem e valorizem a diversidade existente em nossa sociedade.

Quando as identidades estão aprisionadas por modelos rígidos e ao mesmo tempo tão arraigados, tão comuns, que nem sequer nossa adesão a eles é percebida, nossa capacidade de escolher e transformar a realidade é consideravelmente reduzida. Por outro lado, à medida que nos damos conta desses modelos e compreendemos que eles são frutos de construções culturais, passamos a ser capazes de escolher e atuar como produtores, promovendo a transformação de valores culturais e tendo maior poder de realização dos nossos desejos, interesses e projetos pessoais e coletivos.

AGRADECIMENTOS

Aos Orixás, que me deram forças para a conclusão deste trabalho em meio a uma verdadeira turbulência.

Agradeço ao orientador Clynton e aos tutores e tutoras do curso GDE, sem os quais não teria sido possível a realização desta pesquisa.

E às pessoas que contribuíram com as entrevistas, minha gratidão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Luciene Cecília. **As Situações de Racismo e Branquitude Representadas na Telenovela “Da Cor do Pecado”**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2004.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Orgs.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BLACKWELL, M.; NABER, N. Interseccionalidade em uma era de globalização: As implicações da conferência mundial contra o racismo para práticas feministas transnacionais. **Revista Estudos feministas**, v. 10, p. 189-198, 2002.

BORGES, Zulmira Newlands et al. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/Brasil). **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 21-38, jan./abr. 2011. Editora UFPR

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. **Superando o racismo na escola**. SECAD/MEC/BID/UNESCO, p.143-154, 2005.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: Educação como prática da liberdade**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2013.

KERNER, Ina. Tudo é interseccional?: Sobre a relação entre racismo e sexismo. **Novos Estudos-CEBRAP**, n. 93, p. 45-58, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OHIRA, M. L. B.; DAVOK, D. F. **Caminhos do TCC...** Roteiro para elaboração de projeto de pesquisa. Universidade do Estado de Santa Catarina.

PAUST, Letícia Martins. **O reconhecimento da corporeidade e estética negra: experiências a partir do cotidiano da escola**. Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Iniciação Científica em Educação. 2011.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. **Seminário internacional fazendo gênero**, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 16, 2013.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 2ª edição. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Sousa, Karina Almeida. **A socialização e a identidade: a escola e o dilema étnico-racial**. In: Educação e Raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas / Anete Abramowicz, Nilma Lino Gomes, organizadoras. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.